

## UNIVERSIDADE E CIÊNCIA: AS AMEAÇAS DO GOVERNO FEDERAL

*J. Leite Lopes<sup>1</sup>*

O Governo Federal, desde anos, tem anunciado que não lhe compete fabricar aço, cuidar das florestas tropicais e da nossa rica biodiversidade, explorar minas de materiais estratégicos raros como o nióbio, e outros serviços relativos às nossas riquezas e nosso patrimônio. Deve dedicar-se antes a atividades como a educação e a saúde.

Entretanto, o corte de dotações para as universidades federais, a diminuição do número de bolsas de formação e de aperfeiçoamento no setor científico, o terrorismo propagado pelas autoridades federais propondo uma redução de 30% nos vencimentos dos professores e pesquisadores ao se aposentarem segundo o projeto em estudo no Congresso, constituem ameaças ao florescimento das universidades públicas e ao futuro da ciência no Brasil e até à sua sobrevivência. Para se livrarem do fator de redução em suas pensões, centenas senão milhares de professores universitários e de cientistas nas instituições públicas tomam antecipadamente sua aposentadoria empobrecendo gravemente e até anulando programas de pesquisa e cursos de excelência construídos e oferecidos desde anos nessas instituições. Sou testemunha no setor da Física, dos avanços realizados em diversas regiões do país por esses homens de ciência e sei dos trabalhos magníficos com que pesquisadores em outras áreas, desde a matemática à biofísica e à biotecnologia, têm contribuído ao avanço da ciência universal no Brasil.

E no entanto, o Governo que cuida dos nossos destinos, é constituído por homens tais que um marciano, em visita à Terra, diria serem excepcionais para favorecer a universidade e a investigação científica. Pois encontraria ele em seus castelos de marfim em Brasília um Governo chefiado por um Presidente da República que teve a sua formação universitária custeada pelos cofres públicos e que é ex-professor de universidade pública, auxiliado por um Ministro da Educação, ex-reitor e ex-professor em uma tal universidade, um Ministro da Ciência e Tecnologia que está nas mesmas condições. E quem é o Ministro da Cultura senão um ex-professor e colega do Presidente em universidade pública e que foi militante de partido político que prega um Estado que proteja a ciência, a universidade, a cultura, a educação?

---

<sup>1</sup> J. Leite Lopes, 79, é Professor Emérito da UFRJ e do CBPF e autor de livros, entre outros, como Ciência e Libertação, Editora Paz e Terra, 2ª. Ed. 1978, Rio de Janeiro e A estrutura quântica da matéria, 2ª. ed. 1993, Ed. UFRJ, Rio de Janeiro.

Engana-se a opinião pública com iniciativas ambíguas e destinadas a dividir o corpo dos professores ao prometer bolsas a uns e negá-las a outros. Pois é difícil de acreditar-se que professores universitários experientes, pesquisadores de alto gabarito, se recusem a oferecer cursos de graduação. Pois, se estão sempre absorvidos por seus problemas de pesquisa - como devem estar - sabem muito bem que ensino e pesquisa são inseparáveis em uma boa universidade e seu trabalho é, em geral, acompanhado de aulas seja de pós-graduação seja de graduação.

A acusação de abandono dos cursos de graduação pelos professores é talvez mais um pretexto do Governo Federal para desmoralizar a universidade pública, pois segundo o Ministro da Educação em entrevista ao jornal O Globo, de 5 de abril de 1998, "o atual modelo de universidade está falido". E quais são as universidades privadas que - além da oferta de altos salários aos seus reitores - baseiam as suas atividades em trabalhos de criação de conhecimento novo? Pois é isto que os economistas em exercício no Ministério da Educação e provavelmente nos demais órgãos do Governo menosprezam: o trabalho permanente de investigação científica, de descoberta de novas idéias, de novas substâncias, de novos mecanismos e de novas técnicas que fizeram crescer a ciência no Brasil, desde os tempos de Oswaldo Cruz e Carlos Chagas, de Alvaro e Miguel Ozorio de Almeida, de Manuel Amoroso Costa e de Maurício Rocha e Silva. E que fez se firmar hoje no cenário internacional a ciência brasileira com a descoberta de teoremas matemáticos sobre sistemas dinâmicos, com a descoberta do meson pi e com contribuições à descoberta do quark top, com os trabalhos pioneiros sobre a unificação das forças físicas, com a descoberta da bradicinina de antibióticos, de tecnologias de ponta para a pesquisa de petróleo em águas profundas.

Fundada tardiamente no Brasil a universidade pública, desde 1934 com a universidade de São Paulo e 1935 com a Universidade do Distrito Federal transformada em 1939 na Faculdade Nacional de Filosofia, espalhada no país e abrigando notáveis homens de ciência e de cultura, quem diria que sob o atual Governo Federal, corremos o risco de regressar ao fim do século passado quando os positivistas eram contrários à criação da universidade em nosso país pois era, segundo eles, um atentado à liberdade espiritual.

Enquanto isto aqui se passa, nos Estados Unidos, potencia maior no mundo contemporâneo e modelo sagrado dos nossos estadistas, o Presidente Bill Clinton pronunciava discurso sobre o Estado da Nação, no mês de janeiro de 1998. E nele prometeu aumentar os orçamentos dos

Institutos Nacionais de Saude (National Institutes of Health) de 8.4% e de 10% aqueles da Fundação Nacional da Ciência (National Science Foundation), os maiores aumentos de recursos em sua história. A pesquisa fundamental nos Estados Unidos voltou a ter, pois, apoio espetacular de financiamento federal. Em contraste, no Brasil, ao invés de ajudar a ciência básica e amparar a universidade pública, empenha-se o Governo Federal em pregar a suposta falência dessas atividades básicas. Como afirmou em editorial do dia 05 de abril de 1998, o Jornal Folha de São Paulo:

“As escolas privadas, além de serem na maior parte dos casos, pouco mais do que fábricas de diplomas, não vão substituir o Estado numa atividade como a pesquisa que raramente é rentável e cuja finalidade não pode ser o lucro. É ilusório pensar que o país se modernizará sem um sistema de pesquisa”.